

Saving Adam Smith: A Tale of Wealth, Transformation and Virtue

de Jonathan B. Wight

Publisher: London: Financial Times Prentice Hall, 2002.

Resenha de **Pedro Carvalho de Mello**

MA e PhD University of Chicago

Professor da ESALQ-USP

Jonathan B. Wight, em seu livro *Saving Adam Smith: A Tale of Wealth, Transformation and Virtue*, apresenta uma nova maneira de abordar importantes questões da história do pensamento econômico. Wight apresenta uma profunda discussão de temas, levantados por Adam Smith, sobre moral, ética e economia.

Antes de comentar o assunto Adam Smith, convém discutir a forma de apresentação do livro. O autor escreveu um romance policial, com uma trama de espionagem, espiritismo, mercado de ações, privatização de empresas na Rússia, lucratividade e papel da ética e da moral nos negócios. Muitos economistas e historiadores vão “torcer o nariz” para essa forma de abordagem, pois efetivamente está muito afastada das maneiras mais tradicionais

de comunicação acadêmica. No entanto, creio que Wight encontrou uma forma muito inteligente de discutir as idéias de Adam Smith, fazendo um contraponto entre os dois livros mais famosos do autor: *A Teoria dos Sentimentos Morais* e *A Riqueza das Nações*. Assim, com o romance, ele pode levar a discussão para um público mais amplo, “prendendo” os leitores na trama policial ao mesmo tempo em que faz uma séria crítica e discussão das idéias de Adam Smith.

A profissão economia tem recebido muitas críticas ultimamente, por estar se afastando do seu público-alvo, a sociedade em sua totalidade, por expressar-se numa linguagem e escolher temas que interessam apenas aos outros economistas. Não por acaso, uma das pessoas que aparece na contra-capa comentando o livro

de Wight é Deirdree McCloskey, que nos últimos anos tem se destacado por alertar os economistas para a importância da retórica e de um papel social mais ativo. Segundo ela, com um maior número de livros como esse, a economia deixará de ser vista pelo público como sendo uma ciência obscura e lúgubre.

Wight presta um grande serviço, ao chamar a atenção sobre a importância das idéias de Smith expostas na Teoria dos Sentimentos Morais, e como essas idéias têm continuidade na obra Riqueza das Nações

A abordagem de romance policial, entretanto, não é nova na economia. Na década de 80, dois economistas norte-americanos (E.M. Stevens e Kenneth G. Elzinga), sob o pseudônimo de Marshall Jevons, escreveram dois livros, *Murder at the Margin* e *The Fatal Equilibrium*, em que a trama misteriosa das novelas

poderia ser desvendada pelo uso da análise marginal, interseção de curvas de oferta e demanda, custos de oportunidade e de outros conceitos econômicos.

No livro de Wight, no entanto, a discussão é mais profunda. Ele traz Adam Smith para o mundo de hoje – o seu espírito “baixa” num trabalhador romeno aposentado – que procura colocar as idéias do herói da trama num rumo correto. O herói da trama está desenvolvendo uma tese de doutorado, com um modelo econômico de precificação e lucratividade que se baseia nas idéias do Smith de *A Riqueza das Nações*. O espírito incorporado de Adam Smith, entretanto, procura mostrar ao nosso herói que as suas idéias, expostas na *Teoria dos Sentimentos Morais*, devem ser vistas em conjugação com aquelas expostas na *Riqueza das Nações*. As duas obras, em seu conjunto, é que expressariam o quadro ético e moral que Smith teria querido estabelecer. O nosso herói, à medida que vai conversando com Adam Smith, vai

mudando de opinião, e o desfecho da trama é bastante interessante.

É claro que o autor buscou essa forma de expressão para interessar o público numa discussão filosófica das idéias de Adam Smith. Na minha opinião, ele atinge esse objetivo. O seu livro está dividido em três grandes blocos: *Riqueza, Transformação e Virtude*. A trama leva o nosso herói, gradualmente, a migrar das idéias da *Riqueza das Nações* para a *Teoria dos Sentimentos Morais*.

Na *Riqueza das Nações* (1776), Smith apresenta cinco blocos de assuntos: produtividade do trabalho e preços dos fatores de produção; natureza, acumulação e emprego do capital; as trajetórias de progresso da opulência nos diferentes países; o sistema de economia política; e a receita fiscal. Na *Teoria dos Sentimentos Morais* (1759), Smith trata de temas como simpatia, paixões, prosperidade, mérito e demérito, justiça e beneficência, fortuna, sentimentos e conduta, utilidade, costume e moda, caráter da virtude, autocontrole e aprovação.

O livro de Smith é citado por quase todos os economistas, embora na prática poucos tenham lido essa obra. Já a *Teoria dos Sentimentos Morais* é pouco citada ou mencionada, e seguramente pouquíssimos economistas leram ou se informaram sobre essa obra.

Desse modo, Wight presta um grande serviço, ao chamar a atenção sobre a importância das idéias de Smith expostas na *Teoria dos Sentimentos Morais*, e como essas idéias têm continuidade na obra posterior *Riqueza das Nações*. O que pode causar mais polêmica – além da forma heterodoxa de apresentação – é a proposição de que as idéias do primeiro livro condicionam e subordinam as idéias apresentadas no livro seguinte.

Nesse ponto, vai haver muita discordância. As idéias da “mão invisível” e a “fé no mercado”, que tanto são ressaltadas

hoje em dia, aparecem, na obra de Adam Smith, com menos ênfase. Ou seja, essas idéias aparecem mais atenuadas e condicionadas por fatores morais e éticos quando a Riqueza das Nações e a Teoria dos Sentimentos morais são vistas em conjunto.

Esse trecho do livro de Wight representa bem suas idéias, quando ele faz o nosso herói apresentar a seguinte reflexão:

A Economia era uma disciplina poderosa, capaz de iluminar potentes lições para o mundo sobre a escassez, e as nossas escolhas para lidar com ela”. A “maneira econômica de pensar” superou e firmou-se no meio de maneiras ilógicas e tortuosas de pensamento de estudantes e políticos sobre diversos assuntos. Eu tinha poucas dúvidas de que nosso mundo era mais rico, e nossas escolhas mais claras, devido aos *insights* convincentes da minha disciplina de escolha. No entanto, Smith desafiou-me a realmente mostrar que a disciplina era tão completa quanto parecia. Embora a moderna teoria econômica exibisse uma elegância lógica, será que ela se dirige para as interconexões das pessoas umas com as outras, em maneiras sociais e morais? Pode haver um verdadeiro conhecimento sem que isso aconteça? Além do mais, a teoria econômica convencional parece não requerer nada do indivíduo em termos de mudanças pessoais e transformações, nem ela reconhece, estimula ou inspira alguém a se preocupar com o bem estar das outras pessoas. Em contraste, a visão clássica de Smith oferece os *insights* para se adquirir maior conforto material, no entanto ele depositava pequena fé de que isso iria trazer felicidade. Para a vasta maioria dos seres humanos, a felicidade iria advir do crescimento interno e transformação das pessoas, por um melhor relacionamento

com os outros, usando-se a imaginação moral que cada um de nós tem. Esse era o caminho para a paz da mente e para a felicidade. Ser, e não possuir, era a resposta. O poder de transformação dessa mensagem era extraordinária, no entanto não era um caminho fácil para transitar. Isso necessitaria uma nova maneira de pensar, agir e viver. (Wight, p. 233).

Vários autores modernos têm chamado a atenção para a importância de se estudar as idéias de Smith usando os dois livros. Alguns vêem uma inconsistência nos dois livros sobre a importância do auto-interesse, que se tornou a idéia-força maior na Riqueza das Nações. Robert B. Ekelund Jr., em seu livro *A History of Economic Theory and Method*, diz que existe um grande debate sobre esse ponto (Ekelund, p. 58). Mark Blaug, no seu livro *Economic Theory in Retrospect*, também discute o papel das regras éticas de conduta expostas por Smith na Teoria dos Sentimentos Morais, e seu aparente conflito com as idéias de Smith sobre comportamento econômico na Riqueza das Nações (Blaug, p.65).

Concluindo, considero o livro de Wight fascinante, muito interessante para ser lido, e muito original em discutir áridos – porém fundamentais – assuntos filosóficos. Quem ler o livro e refletir sobre suas passagens vai repensar o papel e a importância do lucro em nossa moderna sociedade. Suas idéias estão bem próximas das defendidas por economistas e ecologistas que aderem às idéias do enfoque de Ecologia Econômica.

Concluindo, considero o livro de Wight fascinante, muito interessante para ser lido, e muito original em discutir áridos – porém fundamentais – assuntos filosóficos
